

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Câmpus São Paulo

Letícia Minobu Lima

3052982

Mariana Yasmin Santos

3052966

**TRABALHO DE ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A
PARTIR DE TEXTOS COM TEMÁTICAS RACIAIS**

São Paulo
2022

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Câmpus São Paulo

Letícia Minobu Lima 3052982
Mariana Yasmin Santos 3052966

**TRABALHO DE ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A
PARTIR DE TEXTOS COM TEMÁTICAS RACIAIS**

Trabalho de elaboração de exercícios de análise linguística apresentada ao Instituto Federal de Educação e Tecnologia de São Paulo (IFSP) como requisito para o 5º semestre, na disciplina "Sintaxe da Língua Portuguesa I", do 3º ano do curso de licenciatura em Letras.

Metodologia do Ensino: Sintaxe da Língua Portuguesa I
Professora Cristina Lopomo Defendi

São Paulo
2022

TEXTO 1: REDAÇÃO SOBRE RACISMO

O racismo é uma chaga social no Brasil. Mesmo após mais de um século de abolição da escravatura, a população negra permanece, na maioria das vezes, à margem dos espaços de prestígio. A relação de exclusão com base na cor da pele está presente nos ambientes de trabalho, nas universidades e nos hábitos cotidianos. Compreender como o racismo opera no tecido social e como é possível superá-lo é, dessa forma, confrontar uma ferida que marca o país.

Última nação ocidental a conceder liberdade aos escravos, com a Lei Áurea, de 1888, o Brasil buscou construir, desde então, uma autoimagem de território de respeito às diferenças e de convívio racial pacífico. A Lei Áurea, no entanto, foi conservadora em seu texto e não contou com qualquer ressarcimento ou política de inclusão para populações que ficaram tanto tempo afastadas da cidadania, do direito ao letramento e da liberdade de ir e vir. O resultado, previsível, foi a perpetuação de uma violência social herdada do passado, mas renovada no presente.

Se foi injustificável o descaso a que acabaram relegados milhares de ex-escravizados, foi também persistente a luta deles pela liberdade plena. Uma luta que ecoou em seus descendentes e que hoje se traduz em batalha por representatividade e mais espaços de poder. Conquista bem conhecida dos brasileiros, a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e das repartições públicas – hoje mais heterogêneas.

Os avanços na política de inclusão racial no Brasil, entretanto, ainda continuam pontuais e resultam de pressões da sociedade organizada. O país permanece sem uma política de Estado coordenada, ampla, que ultrapasse governos e esteja presente em diferentes pastas, como o Ministério da Justiça – com políticas mais precisas de ressocialização da população carcerária, em sua maioria negra – e o Ministério da Educação – com ações sistemáticas de conscientização em eventos e materiais didáticos. Só assim, ultrapassando ações pontuais, será possível minimizar de forma mais efetiva o abismo racial que ainda assola o país.

QUESTÕES:

1. O texto acima se trata-se de uma redação dissertativa-argumentativa. Tal gênero é aquele que apresenta um ponto de vista a ser defendido por meio de argumentos e possui uma estrutura a ser seguida. Como já sabemos, essa estrutura é dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A partir disso, responda:

- a. A frase inicial do texto, “O racismo é uma chaga social no Brasil”, é curta e bastante objetiva. Isso contribui para a compreensão do ponto de vista a ser defendido no texto? Justifique sua resposta.

Resposta esperada: O texto dissertativo-argumentativo precisa de objetividade para garantir a clareza dos argumentos apresentados que pretendem convencer o leitor. Desse modo, a frase clara logo no início, além de contextualizar brevemente sobre o tema e a opinião que será defendida ao longo dos parágrafos, também garante as características do gênero.

- b. Apresente como a introdução foi construída e qual é a tese defendida.

Resposta esperada: A tese é encontrada logo na primeira frase do texto: “O racismo é uma chaga social no Brasil”. Depois, é feita uma primeira contextualização sobre a tese apresentada: “A relação de exclusão com base na cor da pele está presente nos ambientes de trabalho, nas universidades, nos hábitos cotidianos”. E, por fim, a introdução é finalizada com a apresentação da lógica de argumentação, encaminhando o leitor para o desenvolvimento do texto: “Compreender como o racismo opera no tecido social e como é possível superá-lo é, dessa forma, confrontar uma ferida que marca o país”.

- c. Quais são os argumentos e como estão estruturados?

Resposta esperada: No desenvolvimento, são utilizados argumentos para desenvolver a tese inicial, de modo a convencer o leitor. Desse modo, no segundo parágrafo do texto, é feita uma alusão histórica à Lei Áurea, contextualizando o problema. Após isso, é feita uma ligação do passado com o momento atual, corroborando a tese apresentada no início da introdução: “A Lei Áurea (...) não contou com qualquer ressarcimento ou política de inclusão para populações que ficaram tanto tempo afastadas da cidadania (...). O resultado, previsível, foi a perpetuação de uma violência social herdada do passado, mas renovada no presente”. Ao final do desenvolvimento, são estabelecidos paralelos e contrapontos, reconhecendo os avanços no combate ao racismo e

trazendo uma visão de mundo atenta aos fatos atuais: “Conquista bem conhecida dos brasileiros, a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e repartições públicas – hoje mais heterogêneas”.

- d. Qual é a conclusão e como ela foi constituída?

Resposta esperada:

A conclusão do texto possui uma proposta de intervenção para o problema abordado, ou seja, são apresentadas soluções para resolver a questão. Desse modo, são identificados os agentes: “diferentes pastas governamentais, como o Ministério da Justiça (...) e o Ministério da Educação”; a ação: “uma política de Estado coordenada, ampla, que ultrapasse governos”; o modo e o detalhamento: “com políticas mais precisas de ressocialização da população carcerária, em sua maioria negra (...) com ações sistemáticas de conscientização em eventos e materiais didáticos; e o efeito que é a minimização, “de forma mais efetiva”, do “abismo racial que ainda assola o país”.

2. **O texto trata a respeito do racismo estar presente na sociedade brasileira até os dias atuais mesmo após a abolição da Lei Áurea. Além disso, ainda é abordada a luta que os ex-escravizados enfrentaram e a busca por representatividade na atualidade. Considerando isso, responda:**

- a. O que se pode depreender da construção: “O racismo é uma chaga social no Brasil”?

Resposta esperada: É possível depreender que o racismo é um grande problema social enfrentado pelo Brasil relacionado com o passado traumático da escravidão.

- b. O que foi a Lei Áurea? De acordo com o texto, a Lei Áurea garantiu aos ex-escravos a inclusão?

Resposta esperada: A Lei Áurea foi sancionada pela Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II, no dia 13 de maio de 1888 e concedeu liberdade total aos escravos que ainda existiam no Brasil, abolindo a escravidão no país. A Lei Áurea não contou com qualquer política de inclusão do ex-escravo, não garantindo a sua incorporação como cidadão pleno à sociedade brasileira. Desse modo, eles foram abandonados à sua própria sorte, sendo marginalizados.

- c. Como a luta dos escravizados pela liberdade plena se traduz hoje de acordo com o texto? Apresente um exemplo para sua resposta.

Resposta esperada: A luta dos escravizados, de acordo com o texto, se traduz hoje em batalha por representatividade. Desse modo, o aluno poderia utilizar como exemplo a política de cotas que o próprio texto apresenta. Além disso, é importante inserir uma educação que debata o antirracismo, as políticas públicas de inclusão e como a representatividade é fundamental em todo tempo.

3. **Leia o seguinte trecho: “Compreender como o racismo opera no tecido social e como é possível superá-lo é, dessa forma, confrontar uma ferida que marca o país.”.**

a. O que é possível interpretar a partir desse trecho?

Resposta esperada: É possível entender que, ao compreender como o racismo se manifesta na sociedade, toda a sua raiz histórica relacionada ao passado traumático de escravidão e pensar em maneiras de como vencê-lo, é uma forma de tentar afrontar o sofrimento que foi causado por conta de toda essa história que marca o país até os dias atuais e também é um jeito de acabar ou pelo menos mitigar o racismo presente na sociedade brasileira.

b. Qual a classificação gramatical de “dessa forma”? Substitua “dessa forma” por outras palavras sem que o seu sentido seja perdido.

Resposta esperada: “Dessa forma” é uma locução conjuntiva conclusiva. “Dessa forma” poderia ser substituído por “portanto”, “assim”, “deste modo” e as frases continuariam corretas gramaticalmente e o sentido da frase se manteria o mesmo.

c. Caso “dessa forma” fosse substituído por “no entanto”, a frase ainda teria o mesmo sentido?

Resposta esperada: Caso houvesse a substituição de “dessa forma” por “no entanto”, o sentido da frase não seria mais o mesmo, já que “no entanto” é uma locução conjuntiva adversativa e exerce a função de oposição ao que estava sendo dito anteriormente, enquanto “dessa forma” é uma locução conjuntiva conclusiva e expressa a conclusão de uma ideia.

4. **Leia o trecho e responda ao que se pede: “(...) a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e das repartições públicas – hoje mais heterogêneas”**

a. Com qual finalidade o travessão foi utilizado no trecho?

Resposta esperada: O travessão foi utilizado para acrescentar uma informação ao enunciado.

b. Caso o autor tivesse escrito “(...) a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e das repartições públicas que hoje são mais heterogêneas”, qual seria a classificação da oração “**que hoje são mais heterogêneas**”?

Resposta esperada: A oração seria classificada como Oração Subordinada Subordinada Adjetiva Restritiva, definindo e delimitando mais claramente as universidades e repartições públicas

c. Caso a mesma oração da questão anterior viesse isolada por uma vírgula, como “(...) a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e das repartições públicas, **que hoje são mais heterogêneas**”, qual seria a sua classificação?

Resposta esperada: Já no segundo caso, ao colocar a vírgula, essa oração se torna uma Oração Subordinada Adjetiva Explicativa, explicando melhor os termos aos quais se refere (universidades e repartições públicas).

d. Identifique e classifique o sujeito da oração “(...) a política de cotas, por exemplo, vem legando uma mudança na feição das universidades e das repartições públicas (...)”

Resposta esperada: Sujeito simples: a política de cotas.

5. Observe o seguinte trecho: “Os avanços na política de inclusão racial no Brasil, *entretanto*, ainda continuam pontuais e resultam de pressões da sociedade organizada.”

a. Qual a função exercida pela palavra “entretanto” e qual é a sua classe gramatical?

Resposta esperada: A palavra “entretanto” é classificada gramaticalmente como uma conjunção adversativa e exerce, neste trecho, a função de oposição ao que estava sendo dito no parágrafo anterior, pois, ainda que existam avanços na política de inclusão racial, como a política de cotas, estes são “pontuais e resultam de pressões da sociedade organizada”.

b. Quais palavras poderiam substituir “entretanto” no trecho citado sem que o seu sentido fosse perdido ou alterado?

Resposta esperada: A conjunção adversativa “entretanto” poderia ser substituída por “no entanto”, “todavia”, “contudo”, palavras que se encaixam no contexto indicado e não alteram o seu sentido nem fazem com que este se perca.

- c. O trecho destacado possui uma Oração Coordenada Sindética Adversativa que aparece introduzindo a segunda oração. Pensando nisso, procure reescrever o trecho para que a oração passe a ser Subordinada Adverbial Concessiva e que apareça em primeira posição no período.

Resposta esperada: Seria possível reescrever a frase da seguinte forma: “Embora existam avanços na política de inclusão racial no Brasil, eles ainda continuam pontuais e resultam de pressões da sociedade organizada”, retirando a conjunção adversativa “entretanto” e acrescentando o verbo “existam” e a conjunção concessiva “embora”

- d. Qual o ponto de destaque que é alcançado com o uso da concessão e com o uso da adversidade?

Resposta esperada: A oração concessiva abre a possibilidade de confirmação, mas a adversativa apenas confirma a expectativa, além da concessiva ser subordinada e a adversativa ser coordenada.

6. O texto como um todo exprime uma noção maior de subjetividade ou objetividade? Por quê?

Resposta esperada: O texto exprime uma noção maior de objetividade, pois é baseado em argumentos sólidos e o autor não se envolve emocionalmente com o assunto, além de escrever para um leitor universal. É possível notar isso no uso da terceira pessoa ao longo do texto.

7. “(...) foi também persistente a luta deles pela liberdade plena. Uma luta que ecoou em seus descendentes e que hoje se traduz em batalha por representatividade e mais espaços de poder”. Considerando o trecho, responda às questões:

- a. Classifique sintaticamente a oração “que ecoou em seus descendentes”

Resposta esperada: A oração é classificada como Oração Subordinada Adjetiva Restritiva, pois exerce a função sintática própria ao adjetivo, isto é, funciona como um adjunto adnominal da oração principal.

- b. Caso a oração do exercício anterior fosse colocada entre vírgulas, sua

classificação sintática permaneceria a mesma?

Resposta esperada: Caso houvesse o acréscimo das vírgulas, a oração seria classificada como Oração Subordinada Adverbial Explicativa.

- c. O trecho traz duas conjunções “e”. Elas desempenham a mesma função sintática?

Resposta esperada: No caso do primeiro “e”, ele está fazendo a soma de duas orações subordinadas adjetivas restritivas: “(...) que ecoou em seus descendentes e que hoje se traduz em batalha (...)”. Já o segundo “e” que aparece no trecho está somando dois termos e não orações: “(...) por representatividade e mais espaços de poder”.

8. Observe o trecho: “(...) como o Ministério da Justiça – com políticas mais precisas de ressocialização da população carcerária, em sua maioria negra – e o Ministério da Educação – com ações sistemáticas de conscientização em eventos e materiais didáticos”. Para qual finalidade o autor fez uso do travessão no trecho apresentado?

Resposta esperada: O travessão foi usado para acrescentar uma informação ao enunciado, detalhando e dando ênfase a ação de cada um dos Ministérios citados.

9. No trecho “O país permanece sem uma política de Estado coordenada (...)”, observe o verbo “permanece” e responda:

- a. De acordo com a Gramática Normativa, o verbo permanecer é um verbo de ligação e serve para ligar o sujeito ao seu predicativo. No trecho selecionado, este verbo possui qual sentido?

Resposta esperada: O verbo “permanecer” possui o sentido de algo que é permanente, duradouro e, nesse caso, o país não possui uma política de Estado coordenada, assim como o racismo ser uma chaga no Brasil, são problemas que se conservam e persistem na realidade brasileira.

- b. Se o verbo fosse mudado por “está”, isso modificaria o sentido da frase?

Resposta esperada: Caso a frase fosse escrita da seguinte forma: “O país está sem uma política de Estado coordenada” haveria uma mudança semântica, já que o verbo *estar* expressa certo estado temporário ao contrário do *permanecer*, que expressa algo permanente.

TEXTO 2: NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nasceria na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.

Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim. Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, patachoca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da

desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos. Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora

de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena. Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se. Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha... Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada. Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida. Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos. Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a. Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de

olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta. Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

QUESTÕES

1. Após ler o conto, que é uma das representações da escrita de Monteiro Lobato, responda às seguintes questões:

- a. Quem é a personagem principal da história e qual é o nome da patroa?

Resposta esperada: A personagem principal da história é a negrinha e a patroa é a Dona Inácia.

- b. Pensando na oposição entre opressora e oprimida que perpassa todo o conto, por que a personagem principal não recebe um nome enquanto a patroa recebe?

Resposta esperada: A protagonista do conto, que tem o papel de oprimida na narrativa, é nomeada apenas como “Negrinha”, indicando sua posição inferior, pois nem direito a nome ela tem. Já a antagonista, que assume o papel de opressora, é primeiramente nomeada como “a patroa” e depois como “dona Inácia”, título e nome. Dessa forma, ela ganha status de superioridade social em relação à personagem principal.

- c. Aponte quais são as características que o narrador atribui à personagem principal e à patroa. Utilize trechos do texto para justificar a sua resposta.

Resposta esperada: A personagem principal era “uma pobre órfã de sete anos”, “fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados”, já a patroa era

uma senhora “gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres”, “uma virtuosa senhora”.

2. No conto, é possível notar a presença de ironias. Destaque no texto alguns exemplos.

Resposta esperada: Seria possível que o aluno selecionasse os seguintes trechos em que ocorrem ironia: “excelente senhora, a patroa”, “camarote de luxo reservado no céu”, “dando audiências”, “Ótima, a dona Inácia”, “excelente dona Inácia”, “arte de judiar de crianças”.

3. “No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...”. Considerando esse trecho, responda ao que se pede:

- a. Qual a função exercida por “no entanto” e qual é a sua classe gramatical?

Resposta esperada: “No entanto” é uma locução conjuntiva adversativa e exerce, neste trecho, a função de oposição ao que estava sendo dito no parágrafo anterior, pois, ainda que negrinha chorasse, existe uma razão para aquele choro.

- b. Por quais palavras é possível substituir “no entanto” sem que o sentido da frase seja perdido?

Resposta esperada: A locução conjuntiva adversativa “no entanto” poderia ser substituída por “entretanto”, “todavia”, “contudo”, “porém”, “mas”, palavras que se encaixam no contexto indicado e não alteram o seu sentido nem fazem com que este se perca.

- c. Qual é a classe gramatical das palavras “nunca”, “quase” e “sempre” e qual é o papel dessas palavras para caracterizar o choro?

Resposta esperada: “nunca”, “sempre” e “quase” são advérbios, sendo que os dois primeiros indicam tempo e o último é de intensidade. Esses advérbios destacam que o choro da menina tem sempre uma razão: ou acontece “quase sempre” por conta da fome ou por conta do frio.

- d. No trecho selecionado, há uma frase nominal, indique-a e fale a respeito de sua expressividade.

Resposta esperada: “Fome quase sempre, ou frio” é uma frase nominal, já que não possui verbo na sua composição e é bem expressiva, pois, com apenas

alguns nomes, ela satisfaz as necessidades expressivas e apresenta um enunciado que possui sentido completo.

4. Observe o trecho e responda ao que se pede: “Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos —definitivo”

- a. O que se pode depreender com essa afirmação?

Resposta esperada: É possível depreender que a mulher vive dois grandes momentos divinos na vida. Divinos pois preparam a mulher para o grande momento, já que ela era vista e entendida apenas com o papel maternal, feita para gerar filhos.

- b. Pensando nos adjetivos colocados após os travessões, quais as suas relações com os dois momentos da vida feminina?

Resposta esperada: O adjetivo “preparatório” explica “o momento da boneca”, ou seja, o momento em que a menina brinca e se prepara para quando se tornar mulher e mãe. Já o adjetivo “definitivo” explica “o momento dos filhos”, ou seja, o momento em que a mulher assume de fato o seu papel maternal, gerando filhos.

- c. Caso o trecho fosse reescrito para a seguinte forma: “Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca, **que é o preparatório**, e o momento dos filhos, **que é o definitivo**”, qual seria a classificação das orações em destaque?

Resposta esperada: Ambas as orações seriam classificadas como Subordinadas Adjetivas Explicativas, já que explicam melhor cada um dos momentos a que se referem.

- d. No trecho apresentado, a frase está em ordem indireta. Desse modo, escreva em ordem direta e fale sobre os efeitos do uso da ordem indireta.

Resposta esperada: Em ordem direta ficaria “A natureza dá dois momentos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório –, e o momento dos filhos – definitivo.” É possível notar que a ordem indireta prioriza o verbo “dar” e não o sujeito.

- e. Com qual finalidade os dois pontos foram utilizados no trecho?

Resposta esperada: Os dois pontos foram utilizados para introduzir o aposto, ou seja, os dois momentos da vida da mulher aos quais o autor se refere.

- f. Reescreva o trecho retirando os dois pontos e os travessões e fazendo as alterações necessárias.

Resposta esperada: Seria possível que o aluno reescrevesse o trecho da seguinte forma: Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher, sendo um deles o momento da boneca, que é preparatório, e o outro o momento dos filhos, que é definitivo.

5. Observe o trecho: “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos”. Responda ao que se pede:

- a. O pronome destacado substitui qual termo mencionado anteriormente?

Resposta esperada: O pronome “os”, presente no trecho, substitui o termo “anos”, pois a Negrinha viveu seus primeiros anos pelos cantos escuros da cozinha.

- b. Encontre os sujeitos das orações e classifique-os:

“Negrinha era uma pobre órfã de sete anos”

“Nascera na senzala”

Resposta esperada: “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos”: sujeito simples (Negrinha) / “Nascera na senzala”: sujeito oculto (Negrinha)

6. Retome este trecho no texto para responder às questões:

“— Como é boba! — disseram.”

- a. Qual é o sujeito do verbo dizer?

Resposta esperada: O sujeito do verbo “disseram” é oculto (as meninas) e é mostrado em um trecho anterior.

- b. Qual a finalidade desse verbo nesse contexto?

Resposta esperada: O verbo “dizer” é utilizado para marcar sobre a fala de alguém, que, neste caso, são as meninas.

- c. É possível trocar o verbo sem que se perca o sentido? Se sim, traga exemplos.

Resposta esperada: Uma possibilidade de troca seria com o verbo “falaram”, resultando no trecho: “— Como é boba! — falaram.”

- d. O discurso presente na oração é direto ou indireto? Cite características desse discurso que justifique sua resposta.

Resposta esperada: Direto. No discurso direto, o narrador faz uma pausa em sua fala e passa a citar fielmente a fala do personagem. Desse modo, o travessão é utilizado.

7. Observe os trechos:

“— Eu curo ela! — disse”

“— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima”

“— Como é boba! — disseram.”

Nestes trechos, qual a posição que os verbos de elocução, que apresentam a voz da personagem, ocupam?

Resposta esperada: Os verbos de elocução vêm após o objeto direto (fala), o que é comum no texto narrativo.

8. Leia o seguinte trecho e responda ao que se pede

“Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!”

- a. O trecho acima está no discurso direto. Quais são as características desse tipo de discurso?

Resposta esperada: Nesse tipo de discurso, o narrador dá uma pausa na sua narração e passa a citar fielmente a fala do personagem. Desse modo, o travessão é utilizado.

- b. Passe o trecho do discurso direto para o discurso indireto.

Resposta esperada: Quando o ovo chegou ao ponto, a boa senhora chamou Negrinha falando para a menina ir até ela. Negrinha aproximou-se e a senhora mandou-a abrir a boca.

- c. Quais são as características do discurso indireto?

Resposta esperada: Nesse tipo de discurso, o narrador da história interfere na fala do personagem proferindo suas palavras. Aqui não são encontradas as próprias palavras da personagem.

9. Preencha a tabela a partir das frases selecionadas:

- a) “Ressoaram vozes apagadas”

- b) “A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira”
- c) “Negrinha arregalava os olhos”
- d) “[...] Eu curo ela!”
- e) “[...] murmurou o padre”
- f) “E tudo se esvaiu em trevas.”

NÚCLEO DO SUJEITO	VERBO	TEMPO E MODO
	ressoaram	
	papou	
	arregalava	
	curo	
	murmurou	
	esvaiu	

Resposta esperada:

NÚCLEO DO SUJEITO	VERBO	TEMPO E MODO
VOZES	ressoaram	indicativo/pretérito perfeito
TERRA	papou	indicativo/pretérito perfeito
NEGRINHA	arregalava	indicativo/pretérito imperfeito
EU	curo	indicativo/presente
PADRE	murmurou	indicativo/pretérito perfeito
TUDO	esvaiu	indicativo/pretérito perfeito

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. EDITORA PANDORGA, 2021.

LOPES, Daniel dos Reis. **Estratégia Concursos. Redação Pronta sobre racismo - ENEM, Vestibulares e Concursos.** Disponível em:
<<https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/redacao-pronta-sobre-racismo/>>.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. **Pesquisas em sintaxe e sua aplicação em sala de aula [Recurso eletrônico]** Rio de Janeiro: Editorarte : UFRJ, Faculdade de Letras, [2018].

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Sintaxe das orações complexas em português: uma proposta de descrição e ensino.** Alfa, São Paulo, 2013, pp. 495-518